

AS BIBLIOTECAS E SUAS QUESTÕES E PRESSÕES ATUAIS

Adriana Ornellas (UFRJ) - adriana.ornellas@gmail.com

Camila da Silva Antunes (UFRJ) - camilabiblio@gmail.com

Carina Volotão (UFRJ) - cvolotao@hotmail.com

Margarete Gomes Borba (UFRJ) - margareteborba@gmail.com

Nadia Bernuci Santos (UFRJ) - nadiabernuci@yahoo.com.br

Resumo:

Aborda as bibliotecas em face das questões e pressões atuais que estão implicando em mudanças nos seus conceitos de serviços e produtos desembocando numa mudança de paradigma da posse do livro para o acesso à informação onde quer que ela esteja. Caracteriza o contexto que está provocando essas alterações e insere a biblioteca na realidade do uso das ferramentas da Web 2.0 para atender às novas necessidades que são exigidas dela. Busca teorizar sobre a necessidade do balcão de referência nesse momento em que os serviços ao usuário são oferecidos através da internet.

Palavras-chave: *Biblioteca sem paredes. Serviço de referência. Web 2.0.*

Área temática: *Temática I: Tecnologias de informação e comunicação – um passo a frente*

As Bibliotecas e suas questões e pressões atuais

Resumo:

Aborda as bibliotecas em face das questões e pressões atuais que estão implicando em mudanças nos seus conceitos de serviços e produtos desembocando numa mudança de paradigma da posse do livro para o acesso à informação onde quer que ela esteja. Caracteriza o contexto que está provocando essas alterações e insere a biblioteca na realidade do uso das ferramentas da Web 2.0 para atender às novas necessidades que são exigidas dela. Busca teorizar sobre a necessidade do balcão de referência nesse momento em que os serviços ao usuário são oferecidos através da internet.

Palavras-chave: Biblioteca sem paredes. Serviço de referência. Web 2.0.

Área Temática: Selecionar uma dentre as áreas temáticas do Congresso.

1 INTRODUÇÃO

A pergunta que inquieta a Biblioteconomia e seus profissionais atualmente é se as bibliotecas, seu lugar tradicional de trabalho, irão acabar. Não é um pergunta retórica ou um eufemismo para a grande quantidade de mudanças vividas a partir dos usos da tecnologia: a biblioteca como conhecemos realmente pode acabar.

A grande questão é se ela somente irá se metamorfosear e criar novos modelos de existência ou se ela irá acabar para dar lugar a algo totalmente diferente.

Essa interrogação não se deve somente a entrada das ferramentas tecnológicas no cotidiano biblioteconômico, mas também há uma mudança na forma de pensar da nova geração que possui novos hábitos informacionais, os nativos digitais que, no momento, são apenas consumidores de informação, mas que, brevemente, serão os tomadores de decisão no futuro.

Todos esses questionamentos trazem mudanças de paradigmas em que é preciso se adaptar e criar novos serviços e produtos para atender à demanda da sociedade e dos novos usuários.

. Dziekaniak e Rover (2011) realizam uma contextualização histórica a respeito de como essa nova sociedade é definida e trabalham com os conceitos de Sociedade da Informação e Sociedade do Conhecimento onde, em todas as definições fornecidas, possuir ou não informação (ou conhecimento) é o que define o

desenvolvimento dessa nova sociedade e que as Tecnologias da informação e comunicação (TICs) são os pilares que permitem sua ampla disseminação. Assim, estudar a relação da disseminação da informação com as TICs é observar o “desenvolvimento exponencial das relações sociais, culturais, mercantis e políticas, pelas potencialidades de comunicação proporcionada pelo uso das tecnologias de informação e comunicação, atuando diretamente em aspectos importantes da sociedade (...)” (DZIEKANIAK; ROVER, 2011).

As bibliotecas são instituições que, tradicionalmente, por serem, em si mesmas, um produto social, estão sempre sofrendo mudanças em seus princípios devido às mudanças sociais, culturais, políticas e econômicas do momento histórico em que estão inseridas, por exemplo, a invenção da imprensa por Gutenberg alterou permanentemente todos os seus processos pois ela provocou a mudança do paradigma da preservação dos livros para o paradigma do acesso. Evidente, que essa mudança não ocorreu de maneira rápida, mas foi um processo longo que ocorreu através de outras transformações sociais que a guiou para a sua trajetória como conhecemos hoje.

A transformação que as TICs estão provocando nas bibliotecas pode parecer, conceitualmente, parecida com esse antigo paradigma do acesso, porém, nessa revolução anterior, as bibliotecas precisaram investir em seus acervos para garantir que os usuários tivessem acesso aos livros e pudessem encontrar o que precisavam, o que não é o caso das mudanças provocadas pelas TICs que possuem ferramentas que disponibilizam o acesso de maneira diferenciada da maneira como acontecia nesse período.

Não se pode falar das mudanças provocadas pelas TICs sem mencionar a internet, pois foi ela que possibilitou sua incorporação ao cotidiano da forma como temos hoje. Não que antes da explosão do uso da internet as TICs não tenham modificado os serviços da biblioteca, um exemplo disso é o uso dos computadores mesmo sem acesso à *world wide web* como auxiliar nas tarefas da biblioteca. Pode-se citar a existência de bibliotecas eletrônicas que, apesar de disponibilizarem o acesso à informação em diversos suportes, incluindo o digital, ainda estavam presas às instalações físicas (ROWLEY, 2002). Essas ferramentas tecnológicas repetiram o modo como os processos eram realizados anteriormente e apenas facilitaram sua realização, não implicando em nenhuma transformação na essência de sua realização.

Desse modo, o uso das tecnologias não deve somente ser adquirido para agilizar serviços e realizar produtos que já existiam antes, em todo tipo de biblioteca as TICs estão provocando mudanças no interior delas. Drabenstott e Burman (1997) dividem as fases de aplicação da tecnologia nas bibliotecas em: modernização, quando o “uso de novas tecnologias continua o que se está fazendo, porém de modo mais eficiente e a menor custo, como, por exemplo, o uso do computador para automatizar os processos de circulação e as verificações nos seriados”; e em fase de transformação que é “quando há mudanças fundamentais nos processos”. Esse é o período que estamos vivendo, onde muitos modelos estão sendo revistos e/ou alterados, onde se “vislumbram futuros serviços e produtos de biblioteca que incorporam novas filosofias, tecnologias e espaços para atender às necessidades de todos os utilizadores de forma mais eficaz, rápida e barata” (CUNHA, 2000).

Ainda segundo Cunha (2010), em um artigo em que trata das mudanças sociais atuais nas bibliotecas universitárias causadas pelo uso da tecnologia, ele explica que

estas mudanças vão além da mera incorporação de avanços tecnológicos. Elas incluem o repensar da essência do que define uma biblioteca universitária, o seu sentido de lugar, de produtos e serviços para a comunidade acadêmica, coisas que, todos concordam, têm caracterizado a biblioteca ao longo dos séculos passados.

Para Cunha (2000), nessa questão reside o elemento chave da existência das bibliotecas no futuro: será preciso assimilar os novos paradigmas que a sociedade apresenta.

Atualmente, o paradigma não se encontra mais na questão da biblioteca ter a posse do livro, ou melhor dizendo, ter o registro informacional que o usuário precisará, ela necessita ter os recursos adequados para promover o acesso a essa informação, mesmo que não fisicamente, fundamentando, assim, o novo paradigma da biblioteca - *access over ownership* (DRABENSTOTT, BURMAN, 1997) - acesso em vez de posse.

Essa mudança está produzindo um efeito dominó que altera todos os outros serviços da biblioteca, pois eles atuam como a base que permitirá que essa mudança ocorra, ou seja, para atingir o objetivo de conseguir atender a esse novo paradigma, as bibliotecas precisam modificar a dinâmica de todos os seus processos internos. Esse conjunto de serviços e produtos que favorecem ao acesso em

detrimento da posse cria a chamada biblioteca sem paredes, onde “a biblioteca do século XXI – vem a ser uma potente, transparente e universal provedora de informação” (DRABENSTOTT, BURMAN, 1997) e seu objetivo principal passa a ser garantir o acesso global ao conhecimento (CARRATO-MENA, 2010).

Drabenstott e Burman em 1997 já se preocupavam em arrolar as ideias acerca de como seria a biblioteca em um futuro próximo e em um artigo sobre como seria a biblioteca do futuro, fizeram um apanhado de conceitos que abrangiam o que hoje chamamos de biblioteca sem paredes e chamaram as bibliotecas digitais de bibliotecas do futuro, pois, naquele momento, esse tipo de biblioteca era o que conjugava a maior quantidade de inovações e simbolizavam a concretização de um futuro onde a “atenção deve estar voltada à criação de novas formas de acesso, sem restrições a espaços geográfico e temporal, como também à experimentação de novos meios de recuperação e administração da informação” (DRABENSTOOT; BURMAN, 1997).

A tradutora do referido artigo (DRABENSTOOT; BURMAN, 1997), Neusa Dias de Macedo, apresenta uma condensação própria do que seria uma biblioteca digital para clarear o entendimento dos leitores do artigo sobre a visão das bibliotecárias norte-americanas que o escreveram:

A biblioteca digital, biônica, transmitida eletronicamente em rede – a biblioteca do século XXI – vem a ser uma potente, transparente e universal provedora de informação, também chamada de biblioteca sem paredes. Não deixa de ser uma máquina: a máquina virtual, que, utilizando a informática e as telecomunicações, possibilita acesso a um reservatório diversificado e infinito de dados e conhecimento. Cerca vários tipos de recursos informacionais, como bibliotecas formais/convencionais, bases de dados, textos ou fontes eletrônicas, arquivos e ou mais dinâmicos artefatos digitais, que, de modo formal ou informal, ultrapassam os materiais convencionais impressos, vindos das mais diversas partes do mundo. Um grande número de usuários, tanto em nível pessoal, comercial ou acadêmico, pode acessá-la em terminais simultaneamente por conexão a redes eletrônicas internacionais, utilizando endereços eletrônicos e senhas (DRABENSTOOT; BURMAN, 1997).

Esse é o mote de um novo paradigma que está alterando os processos biblioteconômicos: a mudança do acesso aos recursos informacionais que a biblioteca possui, para o acesso aos recursos informacionais seja onde ele estiver. Drabenstott e Burman (1997) apontam o novo objetivo da biblioteca baseada no acesso em detrimento da posse:

diante da mudança de paradigma e no sentido de emprestar maior

relevância ao papel da biblioteca, necessário se faz formular políticas que visem à cooperação para tornar o acesso cada vez mais aberto e levado aos locais mais longínquos, tendo como base o uso de novas tecnologias sob comando de componentes humanos.

Entretanto, essa mudança de paradigma é uma consequência da mudança de paradigma da comunicação científica.

Para Rocha (2009)

na contemporaneidade há uma série de novas situações que estão a exigir *re(exames)* de abordagens, pontos de vista, reflexões, a partir do convívio com novas tecnologias trazidas pelo avanço acelerado da tecnociência. Os paradigmas convencionais que serviam de base estrutural para posicionamento diante da rica fenomenologia que a vida apresenta, não mais tem serventia.

No novo paradigma da comunicação científica é pregado o acesso livre ao conhecimento, no que foi denominado de acesso livre ou acesso aberto.

Acesso livre/aberto e acesso gratuito são conceitos diferentes, como aponta Rocha (2009)

Pode parecer sutil a diferença que pontuo agora. Mas há o *open access* (livre acesso, acesso aberto e o *free access* (*acesso gratuito*). Neste último caso, o/a autor/a cede seus direitos autorais à editora que publica seus artigos; esta pode decidir proporcionar acesso gratuito total ou parcial. No caso de recursos de acesso aberto não se produz esta situação de transferência do *'copyright'*, ou pelo menos não de forma exclusiva. Ocorre sessão de uso por parte do/a autor ou da editora, e esta determina as condições de uso do trabalho, a exemplo do *Creative commons*, que permitem estabelecer claramente ao/à proprietário /a dos direitos o uso que se pode fazer dos objetos. (ROCHA, 2009)

Com o acesso aberto, a questão dos direitos autorais se torna um problema da atualidade, pois a ideologia do acesso aberto é exatamente o oposto da lei de direitos autorais que prevê que um texto permaneça ligado a seu autor por 70 anos após a morte dele.

No que tange ao ambiente atual, Lemos (2005) esclarece:

vivencia-se portanto, um paradoxo: tecnologias propiciam criar e compartilhar e, conseqüentemente, alteram o fluxo de produção intelectual, aumentando-o significativamente e transformando-o também em um bem passível de ser mais democraticamente alcançado, por outro, a criatividade e o compartilhamento são cerceados por uma legislação estabelecida para uma realidade social diferente. Apesar do desenvolvimento tecnológico que fez surgir, por exemplo, a tecnologia digital e a internet, as principais instituições do direito de propriedade intelectual, forjadas no século XIX com base

em uma realidade social completamente distinta da que hoje presenciamos, permanecem praticamente inalteradas.

Para remediar essa situação, foi criada a licença *Creative commons* que permite que as obras sejam classificadas em modelos diferentes de uso e tenham respaldo legal para distribuição e uso. Em maio de 2011, esta licença era usada por 70 países, incluindo o Brasil, onde vários órgãos governamentais já a adotaram: Banco Internacional de Objetos Educacionais, do Ministério da Educação e Cultura, Ministério da Cultura, Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Cultura Digital, Programa de Pesquisa (BDJur) do Superior Tribunal de Justiça, LexML, Casa Brasil, Radiobrás/Agência Brasil entre outros (ARAYA; VIDOTTI, 2011)

A existência do *creative commons* é importante porque permite que o acesso e uso da produção científica ocorram no âmbito da internet de maneira legal e garante que a biblioteca ofereça acesso aos registros informacionais de maneira correta e sem impedimentos.

Em 1997, Drabenstoot e Burman já pregoavam que deveria haver uma mudança nesse sentido que viabilizasse o fluxo do acesso aos documentos:

Embora haja opinião em ser inadequada a existência de *copyright* para a 'biblioteca sem paredes', aponta-se que é quase impossível um controle generalizado. Sente-se a necessidade de compensações, sob um sistema de gerenciamento desses direitos. Uma das linhas requer regulamentação de todo tipo de uso da informação de todo tipo de uso da informação por meio de contrato e controle tecnológico, com exceção de alguns casos que exigem uso livre da informação.

Oferecer um conteúdo de acesso livre não é a única ação para se chegar a ser uma biblioteca sem paredes, é preciso disponibilizar o que já se possui. Mas as bibliotecas já não possuem seu catálogo on line e disponível via internet para consulta em qualquer terminal com acesso à internet? Sim, porém isso já não basta mais.

Todos esses novos produtos são resultantes das possibilidades decorrentes do uso das TICs, entretanto, outros usos sociais estão sendo realizados com elas. Esse uso deu origem a uma fase da internet onde todos os usuários estão conectados e colaborando para a criação de novos conteúdos e ficou conhecida como Web 2.0.

Como observa Cunha (2010), muitos produtos derivados do aparecimento da web 2.0

não constituem um objetivo fundamental para a biblioteca do futuro, e eles não tem a clareza do toque da missão histórica bem conhecida. No entanto, de forma individual eles podem ser considerados e analisados mais de perto e, mesmo alguns deles podem, realmente, provar ser a chave para o futuro da biblioteca (...)

A internet tem sido a base das modificações na comunicação e na forma de se compartilhar informações, essas características da internet categoriza a chamada Web 2.0. Cunha (2010) explica bem a questão da web 1.0, fase anterior da internet, e da 2.0:

na primeira fase da internet, os usuários da web 1.0 apenas consumiam informação, eram incapazes de alterá-la ou produzir novas versões. A informação fluía em apenas um sentido, do produtor para o consumidor. No momento atual, o objetivo principal da web 2.0 é a construção do conteúdo, ou seja, todos os usuários podem contribuir para o desenvolvimento e expansão da internet, criando e editando o conteúdo de forma coletiva.

Ao formular um modelo conceitual do uso das ferramentas da web 2.0 para bibliotecas, Xu, Ouyang e Xu (2009) sugeriram cinco aspectos essenciais que a biblioteca deve possuir para se tornar uma Biblioteca 2.0: aberta, interativa, convergente, colaborativa e participativa:

- 1) Biblioteca 2.0 deve estar aberta para permitir e disponibilizar um desenvolvimento maior para suas operações e serviços.
- 2) Biblioteca 2.0 que deva ser interativa para que os usuários tenham a oportunidade de contribuir às bibliotecas e reagir a elas através das ferramentas da web 2.0.
- 3) A Biblioteca 2.0 deve ser convergente para acomodar as ferramentas Web 2.0 e realizar suas missões.
- 4) Biblioteca 2.0 deve ser colaborativa para tornar bibliotecários e usuários em colaboradores em vez de disseminadores e receptáculos, respectivamente, no final da comunicação da biblioteca.
- 5) A Biblioteca 2.0 deve ser participativa e estar no centro das atividades, a biblioteca que não estiver no centro, inviabiliza a Biblioteca 2.0

Uma das primeiras obviedades que a Web 2.0 traz é a necessidade da presença da biblioteca na internet. Desse modo, não só levar o catálogo impresso para o meio digital e permitir sua busca através de OPACs é definir a presença da biblioteca on line, a biblioteca precisa estabelecer interação com o usuário através das ferramentas que a internet oferece.

Burkhardt (2012) faz um desabafo sobre a importância de centralizar todos os serviços da biblioteca no usuário e chamou essa tendência de Biblioteconomia antropocêntrica. Ele justifica essa abordagem dizendo que a biblioteca só existe para

os usuários, para as pessoas, que toda a razão da existência de qualquer serviço na biblioteca é o seu uso pelas pessoas:

nós criamos esses espaços porque acreditamos que as pessoas devem ser capazes de se conectar umas com as outras. Nós promovemos eventos literários porque acreditamos que as pessoas devem ser capazes de melhorar a si mesmas por meio da aprendizagem e do conhecimento. Nós oferecemos acesso aos computadores porque nós acreditamos que as pessoas merecem chances e oportunidades iguais. Nós acreditamos que os membros da nossa comunidade merecem um espaço de pertencimento, em que se sintam seguros, explorem sua curiosidade e têm acesso ao conhecimento. É por isso que todas essas coisas importam. (BURKHARDT, 2012)

Com a web 2.0, a internet passou a ser um terreno colaborativo, onde os usuários podem criar e personalizar o que consomem. No que diz respeito à classificação de informação na internet, é possível o próprio usuário atribuir termos para um determinado objeto. Assim,

Ao mesmo tempo em que a internet traz desafios para as técnicas tradicionais de classificação e recuperação da informação, traz, também, soluções próprias para lidar com a classificação da informação num ambiente caótico e em constante modificação como é a Web. As ferramentas tecnológicas se mesclam com fenômenos humanos como a colaboração espontânea dos usuários por meio das redes sociais e de relacionamento. É certo que a cooperação, o trabalho colaborativo são comportamentos humanos anteriores às Tecnologias da Informação e Comunicação, mas tomam uma dimensão global com a Internet, rompendo barreiras geográficas, linguísticas e independem de uma coordenação centralizada” (GALDO; GODOY; RODRIGUES, 2009)

Assim, como afirmam Xu, Ouyang e Xu (2009, p. 328), “(...) usuários também seriam contribuidores das bibliotecas em vez de meramente receptores do produto final. Um outro significado para esse recurso, seria que bibliotecários e usuários juntos trariam inovação para o ambiente da biblioteca” e dá a eles “o controle por seus próprios dados” (XU, OUYANG; XU, 2009, p. 328)

Desse modo, muitas ferramentas da Web 2.0 estão fazendo parte das mudanças que estão acontecendo com as bibliotecas. A seguir, listamos algumas com breves explicações do que elas são:

a) *folkonomia*: é um novo conceito de organização de recursos digitais na web produzido pelo próprio usuário. Na folkonomia, o usuário atribui tags (etiquetas) e as usa para recuperar aquele site ou página posteriormente. Essas tags formam as chamadas *tags clouds* que são

constituídas pelos termos utilizados e os diferenciam graficamente: as mais usadas são maiores e tem cores mais fortes. Desse modo, é possível medir a popularidade dos termos;

b) ferramentas de compartilhamento de informações: a web 2.0 oferece plataformas onde o usuário cria seu próprio conteúdo e disponibiliza online. Uma enorme gama de sites de compartilhamento existente atualmente: flickr (fotos), you tube (vídeos), tumblr (imagens), pinterest (imagens) entre muitos outros;

c) redes sociais virtuais: as redes sociais disponibilizam uma plataforma de criação de perfil e interação com amigos. A rede mais popular atualmente é o Facebook que possui alta adesão no Brasil. E temos também as redes sócias virtuais temáticas: Linked In (para profissionais), Skoob (sobre livros) Filmow (sobre filmes), Orangotag (sobre séries de TV);

d) Wikis: são plataformas que permitem a edição por parte dos usuários. Um grande.

Atualmente, à web 2.0 soma-se a possibilidade de estarmos conectados a todo momento através de tecnologia móvel (smartphones, tablets). Essa conexão total está causando profundas mudanças de comportamento e cria o conceito de ubiquidade que é ser onipresente a todo momento e, ainda assim, continuar com sua mobilidade intacta. “Trata-se de transformações nas práticas sociais, na vivência do espaço urbano e na forma de produzir e consumir informação.” (LEMOS, 2004)

A era da conexão é a era da mobilidade. A internet sem fio, os objetos sencientes e a telefonia celular de última geração trazem novas questões em relação ao espaço público e espaço privado, como a privatização do espaço público (onde estamos quando nos conectamos à internet em uma praça ou quando falamos no celular em meio à multidão das ruas?), a privacidade (cada vez mais deixaremos rastros dos nossos percursos pelo cotidiano), a relação social em grupo com as *smart mobs*, etc. (LEMOS, 2004)

As novas tecnologias digitais sem fio trazem à tona a era da ubiquidade (...). A idéia da computação ubíqua é de agir de forma oposta à tecnologia de realidade virtual (RV), que necessita da imersão do usuário no mundo simulado em 3D por computadores. Na “Ubicomp” (...) é o computador que desaparece nos objetos. (...) Esta é, verdadeiramente, a computação do século XXI, da era da conexão. Trata-se de colocar as máquinas e objetos computacionais imersos no cotidiano de forma onipresente. (LEMOS, 2004)

Todas essas ferramentas da web 2.0 e a nova atmosfera que ela cria – de convergência digital e de ubiquidade) alteram a forma como a biblioteca deve disponibilizar serviços e produtos. Isso não acontece apenas por ser isso uma inovação tecnológica ou provocar facilidades, mas também por essas novas tecnologias estão constituindo uma nova forma de pensar e se relacionar o que marca como característica como serão todos os usuários das bibliotecas no futuro.

Em 1997, Drabenstott e Burman, já previram a desinstitucionalização do serviço de referência fazendo com que o usuário acesse a informação do lugar que seja mais pertinente a ele: “tecnologias de conversão liberarão o usuário final, sem que este careça ir a locais particulares para solicitar assistência às suas necessidades de informação”

Em uma pesquisa para conhecer as opiniões de especialistas sobre como deverão ser as bibliotecas brasileiras em 2018, Costa (2012, p. 83), utilizando a técnica de delfos, apurou que é consenso para os bibliotecários que participaram da pesquisa que “as bibliotecas brasileiras, em 2018, oferecerão aos usuários acesso remoto, diminuindo (mas não eliminando) o atendimento presencial”, “em 2018, serviços de informação serão projetados e concebidos pelas bibliotecas brasileiras para ir ao encontro do usuário, suprimindo a necessidade de deslocamento à biblioteca física” e que “mesmo com a consolidação do atendimento remoto, a figura do bibliotecário, em 2018, continuará a existir para atender o usuário”. Todas essas premissas nos mostram que a importância dos serviços disponibilizados pelas TICs já foram plenamente assimilados pelos bibliotecários e a mudança no modo de atender aos usuários é inevitável.

Cunha (2010) observa que

o atendimento presencial tenderá a decrescer à medida que os usuários passem a utilizar, de forma intensa e variada as inúmeras ferramentas disponíveis na chamada Web 2.0. (...) A nova biblioteca 2.0 é centrada e dirigida para o usuário com aplicações de interação, colaboração e tecnologias multimídias baseadas na internet.

Dagger (2008) conta como Steven Bell, bibliotecário da Universidade de Columbia, disse em uma palestra que o balcão do serviço de referência estaria abolido das bibliotecas em 2012, mas também explica que essa opinião não advoga contra o Serviço de referência, pelo contrário:

essa posição não é tão radical como parece. Ele não estava pedindo

que a sua plateia se retirasse e procurasse outros empregos. Pelo contrário, ele disse que acreditava que seus serviços são mais importantes agora do que nunca. Mas com a internet mudando não apenas o jeito das pessoas – estudantes, acadêmicos e mesmo bibliotecários – conduzir suas pesquisas, mas também como se comunicar, ele acredita que o antigo modelo do balcão de referência com bibliotecários de referências altamente treinados está se no caminho de se tornar obsoleto e talvez até extinto.

O serviço de referência se faz necessário, também, porque apesar de muito material está on line, nem tudo está e nem tudo é de graça, além disso há a questão da internet ter muitas informações que não são confiáveis. Nesse momento, a biblioteca existe como ponto fundamental de filtro entre quais são as fontes realmente necessárias para determinada pesquisa e para realizar a assinatura de bases de dados e seus respectivos treinamentos. Abordando o caso da Biblioteca de Ferguson (Universidade de Stamford, EUA), Dagger (2008) conta que

a biblioteca possui a assinatura de mais de 400 bases de dados, muitas dos quais são mais produtivas e tem resultados mais especializado e completos do que aqueles disponíveis através de pesquisas na web em geral. Bibliotecários de referência continuam a desempenhar um papel importante no desenvolvimento de coleção da biblioteca de bases de dados, bem como elementos das suas coleções, tanto em versão impressa e on-line

Não possuir o registro informacional no acervo da biblioteca não significa apenas tê-lo em como arquivo digital ou saber indicar onde ele se encontra. Isso tudo é uma mudança, também, cognitiva pois as tecnologias da informação não estão apenas proporcionando novas formas de se fazer o que se fazia antes, mas novas ferramentas para criação de novos meios de nos comunicarmos e nos relacionarmos.

Sobre isso, Costa (2012) completa:

no epicentro da revolução tecnológica, as bibliotecas continuam a prestar serviços e disponibilizar produtos de informação, oferecendo um espaço democrático de acesso ao conhecimento, ao estudo e ao lazer. Por outro lado, os mecanismos de busca passaram a oferecer acesso a bases de dados com texto integral e, por consequência, o usuário começou a ser mais crítico quanto à necessidade de ir ou não à biblioteca, afinal, a informação sem a mediação do bibliotecário. Neste contexto surgem questionamentos sobre o futuro das bibliotecas (...)

A questão sobre a necessidade de o usuário ir ou não à biblioteca pode estar no centro da existência futura da biblioteca. Para tanto, a biblioteca, está se tornando

não mais apenas um lugar que centraliza a distribuição dos recursos informacionais, mas um ponto de encontro onde se pode compartilhar conhecimento e socializar com outras pessoas com interesses em comum.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A literatura sobre essa questão se apresenta diluída em artigos científicos e blogs de profissionais, todos, sempre, tratando de aspectos em separado dessas mudanças ou de questões mais voltadas para o dia-a-dia de uma determinada biblioteca. A metodologia utilizada para a pesquisa da confecção do artigo foi a leitura e pesquisa de artigos científicos e livros da área em questão.

O presente trabalho se propõe a abarcar a questão das mudanças e pressões que as bibliotecas estão atravessando devido às mudanças sociais, culturais e tecnológicas da sociedade.

O objetivo desse trabalho é reunir algumas dessas transformações e pontuar o que realmente está construindo um novo modelo de biblioteca ou a destruindo como o conceito que conhecemos.

3 RESULTADOS PARCIAIS/FINAIS

Apesar dos vários questionamentos sobre a existência da biblioteca no futuro, uma certeza é unanime: as bibliotecas estão se mobilizando para se adequarem a essas mudanças.

Evidentemente, a realidade não é a mesma para todas, essas mudanças ocorrem de maneira diferente dependendo do país onde essa biblioteca existe, do nível dos profissionais que trabalham nela e, principalmente, da instituição a que ela se liga.

Um grande exemplo de mudanças devido ao impacto das TICs na maneira de disponibilizar seu acervo são as bibliotecas da USP que possuem um sistema de pesquisa que amalgama os catálogos de suas 44 bibliotecas, o do portal CAPES, os periódicos editados pela instituição e os integrada. A biblioteca da PUC-Rio também já possui esse tipo de pesquisa

Outro exemplo de grande mudança que teve grande repercussão é a obra na Biblioteca Pública de Nova York que prevê a remoção de 3 milhões de obras para

a inclusão de áreas para computadores e locais com acesso livre à internet. Essa obra é justificada por seu presidente Anthony Marx como sendo inevitável, pois as bibliotecas não tem escolha nos dias de hoje a não ser mudar (ELOY, 2012)

As bibliotecas da Universidade de Caxias do Sul são pioneiras na disponibilização de um aplicativo com sistema operacional Android para celulares ou tablets onde é possível realizar a renovação de materiais por ele.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se vê, grandes mudanças estão sempre empreendidas para aliar as TICs aos processos tradicionais das bibliotecas e torná-los mais assimiláveis através de uma nova roupagem de facilidade e mobilidade.

Mesmo com a impressão inicial de destruição da biblioteca, as novas tecnologias estão agregando novos produtos e serviços e novas maneiras de fazer o antigo, o que não resulta no fim da biblioteca. Obviamente, como os diferentes tipos de bibliotecas incorporarão essas mudanças só poderá ser observado à medida que for acontecendo, de resto, podemos apenas fazer conjecturas.

Desse modo, acreditamos que a biblioteca como conhecemos talvez não existir no futuro, mas isso não significa que a instituição biblioteca acabará, ela com certeza sofrerá muitas modificações e se metamorfoseará e a consequência poderá ser algo muito diferente do conceito que estamos acostumados a conhecer, mas a biblioteca não acabará, somente mudará para ter outros contornos e outras funções.

REFERÊNCIAS

ARAYA, Elizabeth Roxana Mass; VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti Gregorio. Web colaborativa: inovação na criação, proteção e uso legal da informação.

DataGramZero – Revista de Informação, Brasília, v. 12, n. 4, ago. 2011. Disponível em: < http://www.dgz.org.br/ago11/Art_02.htm>. Acesso em: 25 jun. 2012.

BROWN, Malcolm. Learning spaces. In: OBLINGER, Diana G.; OBLINGER, James (Eds.) **Educating the net generation**. Boulder: EDUCAUSE, 2005. p. 12.1-12.22.

Disponível em: <<http://net.educause.edu/ir/library/pdf/pub7101.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2012.

BURKHARDT, Andy. **Biblioteconomia antropocêntrica**. Rio de Janeiro:

Informalidades.com, 2012. Disponível em: <

<http://informalidades.com/2012/03/16/biblioteconomia-antropocentrica/>>. Acesso em:

06 jun. 2012.

CONTI, Daiana Lindaura; PINTO, Maria Carolina Carlos. Ferramentas colaborativas para bibliotecas. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 15, n. 1, p. 7-21, jan./jun. 2010.

CARRATO-MENA. María-Antonia. Cooperación bibliotecária para un acceso global al conocimiento. **El profesional de la información**, v. 19, n. 5, sept./oct. 2010. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3294924>>. Acesso em: 23 maio 2012.

COSTA, Maira Murrieta. As bibliotecas brasileiras em 2018: resultados da técnica de delfos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Minas Gerais, v. 17, n. 1, p. 74-93, jan./mar. 2012. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1363/1028>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

CUNHA, Murilo Bastos da. Construindo o futuro: a biblioteca universitária brasileira em 2010. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 1, p. 71-89, jan./abr. 2000.

_____. A biblioteca universitária na encruzilhada. **DataGramZero: Revista de Ciência da Informação**, Brasília, v. 11, n. 6, dez. 2010.

DAGGER, Jacob. Brave new world: reference librarians in the age of Google. **Duke Magazine**, North Carolina, v. 94, n. 5, Sept./Oct. 2008. Disponível em: <<http://www.dukemagazine.duke.edu/dukemag/issues/091008/brave1.html>>. Acesso em: 26 jun. 2012.

DIAS, Rosilâna Aparecida. Tecnologias digitais e currículo: possibilidades na era da ubiquidade. **Revista de Educação do COGEIME**, a. 19, n. 36, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.cogeime.org.br/revista/36Artigo04.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2012.

DRABENSTOTT, Karen M.; BURMAN, Celeste M. Revisão analítica da biblioteca do future. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 26, n. 2, maio/ago. 1997.

DZIEKANIAK, Gisele; ROVER, Aires. Sociedade do conhecimento: características, demandas e requisitos. **DataGramZero – Revista de Ciência da Informação**, Brasília, v. 12, n. 5, out. 2011. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000011078&dd1=da9e0>>. Acesso em 25 jun. 2012.

ELOY, Rodney. Obra na biblioteca de NY é alvo de intelectuais. São Paulo: Pesquisa Mundi, 2012. Disponível em: <<http://www.pesquisamundi.org/2012/06/obra-na-biblioteca-de-ny-e-alvo-de.html#axzz246PXUDUV>>. Acesso em: 26 jun. 2012.

GALDO, Alessandra; GODOY, Angel Freddy; RODRIGUES, Rosangela Schwarz. Classificação social da informação na Web: tecnologia, informação e gente. **DataGramZero – Revista de Ciência da Informação**, Brasília, v. 10, n. 8, dez. 2009. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/dez09/Art_03.htm>. Acesso em 25 jun.

2012.

LEMOS, André. Cibercultura e mobilidade: a era da conexão. **Revista Razón y Palabra**, México, n. 41, Oct./Nov. 2004. Disponível em: <<http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n41/alemos.html>>. Acesso em: 26 jun. 2012.

LEMOS, Ronaldo. Creative commons, mídia e as transformações recentes do direito da propriedade intelectual. **Revista Direito FGV**, v. 1, n. 1, p. 181-187, maio 2005. Disponível em: <<http://www.inovacao.unicamp.br/report/Ronaldo-Lemos.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2012.

LIPPINCOTT, Joan K. Net generation students and libraries. In: OBLINGER, Diana G.; OBLINGER, James (Eds.) **Educating the net generation**. Boulder: EDUCAUSE, 2005. p. 13.1-13.5. Disponível em: <<http://net.educause.edu/ir/library/pdf/pub7101.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2012.

MONTEIRO, Silvana Drumond; ABREU, Joel Gomes de. O pós-moderno e a organização do conhecimento no ciberespaço: agenciamento maquímico. **DataGramZero** – Revista de Ciência da Informação, Brasília, v. 10, n. 6, dez. 1999. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/dez09/Art_05.htm>. Acesso em 25 jun. 2012.

ROCHA, Cristina Tavares da Costa. Midia digital internet e a democratização da tecnociência: novo paradigma do acesso aberto. **DataGramZero** – Revista de Ciência da Informação, Brasília, v. 10, n. 3, jun. 2009.

ROWLEY, Jennifer. **A biblioteca eletrônica**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2002.

XU, Chen; OUYANG, Fenfei; CHU, Heting. The academic library meets Web 2.0: applications and implications. **The Journal of Academic Librarianship**, v. 35, n. 4, p. 324-331, June 2009.